

Nietzsche e a corrupção psicológica dos Evangelhos

Allan Davy Santos Sena*

Resumo

Em *O Anticristo*, Nietzsche elege a filologia e a fisiologia como os dois saberes capazes de desvendar a verdadeira natureza do cristianismo. A filologia, em particular, é o principal instrumento mediante o qual o filósofo revela a grande corrupção psicológica que há por trás dos textos Evangélicos. O cristianismo herdou e aperfeiçoou a arte de falsificação da realidade histórica elaborada pelo código sacerdotal, adulterando o tipo de Jesus e desnaturalizando o sentido natural de sua prática. Para Nietzsche, Petronio representa, em contrapartida, toda a inocência e saúde do mundo antigo que Paulo buscou destruir com sua falsidade, como um meio de alcançar o poder.

Palavras-chave: Filologia; Evangelhos; Espírito livre; Ceticismo; Probidade intelectual.

Abstract

In *The Antichrist*, Nietzsche appoints philology and physiology as the knowledge able to reveal the true nature of Christianity. Philology, in particular, is the main instrument by which the philosopher uncovers the great psychological corruption that lies behind the Gospel texts. Christianity inherited and improved the art of falsification of historical reality elaborated by the Priestly Code, adulterating the type of Jesus and denaturing the natural sense of his practice. For Nietzsche, Petronius represents, on the other hand, all innocence and health of the ancient world that Paul wanted to destroy with his falsity, as a means to achieve power.

Key words: Philology; Gospels; Free spirit; Skepticism; Intellectual probity.



* ALLAN DAVY SANTOS SENA é Doutorando em Filosofia pela UNICAMP/Bolsista do CNPq. E-mail: allandavy@hotmail.com



Lutero diante da Dieta de Worms, por Anton von Werner, 1870.

“Aqui estou eu! Não sei agir de outra forma!” As palavras supostamente proferidas por Lutero perante a Dieta de Worms, em 1521, quando se negou a rejeitar suas idéias, é o grande baluarte da “consciência cristã” criticada por Nietzsche.

Após a demonstração de como o código sacerdotal realizou uma inaudita falsificação de toda a realidade por meio da desnaturalização dos valores naturais (ver as seções 24 a 26 de *O Anticristo*, NIETZSCHE, 2007, pp. 29-33), tendo como base a obra *Prolegomena zur Geschichte Israels*, de Julius Wellhausen, Nietzsche sentencia na seção 27 de *O Anticristo*: “Num terreno assim *falso*, onde toda natureza, todo valor natural, toda *realidade* tinha contra si os mais profundos instintos da classe dominante, cresceu o *cristianismo*, uma forma de inimizade mortal à realidade, que até agora não foi superada.” (NIETZSCHE, 2007, pp. 33-34) O cristianismo sobrepujou o judaísmo como sistema falsificador da realidade por atacar a única realidade que este havia deixado incólume, ou seja, a Igreja judia, o privilégio da casta sacerdotal, a *realidade judia* mesma. Para tanto, foi necessário a execução da obra mais ousada e monumental

concebida pela arte da falsificação histórica fundada pelo código sacerdotal, a saber, a falsificação da figura de Jesus, de sua vida e obra.

O Novo Testamento é, para Nietzsche, uma adulteração da história de Jesus, nele o sentido natural do que a vida de Jesus representou foi desnaturalizado, seu tipo foi corrompido. Isso não se deu por acidente, mas foi elaborado e executado segundo uma técnica que aqui atinge sua excelência, de acordo com os procedimentos postos em ação pela arte da falsificação histórica, da corrupção e depravação psicológica, desenvolvida pelo código sacerdotal. Como denuncia o filósofo no fragmento póstumo 10 [180] do outono de 1887: “Não é exatamente da mesma maneira insolente-piedosa de interpretar a *história* (isto é, a falsificação absoluta para demonstrar a validade do código sacerdotal) que se encontra entre os intérpretes e narradores judaico-cristãos da história de *Jesus*?” (NIETZSCHE,

1988, vol. 12, p. 563). O método histórico tem muito pouco a contribuir no ato de desvendar essa depravação em torno da figura de Jesus que os Evangelhos atestam. Essa não é uma tarefa que compete a um historiador não iniciado na perícia que o escrutínio psicológico exige, não é incumbência, de acordo com Nietzsche, de um David Strauss ou de um Ernest Renan. Como alerta o filósofo na seção 44 de *O Anticristo*: “Esses Evangelhos não podem ser lidos com suficiente cautela; por trás de cada palavra existem dificuldades.” (NIETZSCHE, 2007, p. 51). Somente um psicólogo pode dar conta dessas dificuldades, e, na verdade, os Evangelhos representam, por conta disso, um desafio ímpar para aquele que exerce esse ofício: “Confesso, e espero que isto me seja perdoado, que justamente por isso eles constituem, para um psicólogo, um prazer de primeira ordem – como o *oposto* de toda corrupção ingênua, como o refinamento *par excellence*, como talento artístico na corrupção psicológica” (NIETZSCHE, 2007, p. 51).

A falsificação da figura de Jesus teve início imediatamente após sua morte, pelos apóstolos e pela comunidade inicial, mas é Paulo, com sua “mentira do Jesus ressuscitado” que corrompe de vez o significado natural do que representou a vida e os ensinamentos de Jesus. Com vistas à propaganda sacerdotal, Paulo intuiu exatamente o que ele necessitava para atingir o poder, “não a realidade, não a verdade histórica”, mas o que a “massa de deserdados” do Império ansiava. Como declara Nietzsche na seção 42 de *O Anticristo*:

E mais uma vez o instinto sacerdotal do judeu perpetrou o mesmo enorme crime contra a história – simplesmente riscou o

ontem, o anteontem do cristianismo, *inventando para si uma história do cristianismo inicial*. Mais ainda: falseou a história de Israel mais uma vez, para que ela aparecesse como pré-história do *seu* ato: todos os profetas falaram de *seu* “Redentor”... Depois a Igreja falseou até a história da humanidade tornando-a pré-história do cristianismo... (NIETZSCHE, 2007, p. 49)

Para Nietzsche, a história do cristianismo é *a história de uma fraude*. O cristianismo nasce de uma falsificação, ou seja, a corrupção do tipo de Jesus; tem como principal mecanismo de consolidação uma adulteração literária, isto é, o Novo Testamento; representa o grau mais elevado a que pôde chegar a falsificação da realidade, por meio da criação de um outro mundo desprovido de dor, sofrimento e morte, mediante o qual as condições de efetivação, elevação e superação da vida são negadas como algo que não deveria pertencer necessariamente à existência, como frutos do erro, transgressão e “pecado”. Em *O Anticristo*, a filologia surge, portanto, como principal aliada e ferramenta da psicologia para a revelação dessa desmedida falsificação chamada cristianismo. Filologia entendida essencialmente como a arte de ler bem, sem pressa, com lentidão, sem impor uma interpretação arbitrária ao texto, sem falseá-lo com opiniões pré-concebidas (ver a seção 52 de *O Anticristo*, NIETZSCHE, 2007, p. 63). Todavia, para tanto, é necessário que o filólogo esteja comprometido com sua própria consciência, que ele tenha a coragem de honrar aquele sujeito em busca do conhecimento que há em si mesmo, ora, mas isso constitui propriamente a virtude por excelência do espírito livre. É o que anuncia

Nietzsche na seção 36 de *O Anticristo*: “Somente nós, espíritos *tornados livres*, temos o pressuposto para entender algo que dezenove séculos entenderam errado – aquela retidão que, tornada instinto e paixão, faz guerra à ‘mentira santa’, mas ainda que a qualquer outra mentira...” (NIETZSCHE, 2007, p. 42).

Enquanto mentira colossal, fingimento, hipocrisia, querer enganar e enganar-se a todo custo, enfim, enquanto falsidade histórico-universal, o cristianismo tem como o seu inimigo natural o cético (ver a seção 54 de *O Anticristo*, NIETZSCHE, 2007, p. 65-66), e como ameaça mortal a medicina e a filologia: “Na verdade, não se é filólogo e médico sem ser também *anticristão*. Como filólogo, olha-se *por trás* dos ‘livros sagrados’; como médico, *por trás* da degeneração fisiológica do cristão típico. O médico diz ‘incurável’; o filólogo, ‘fraude’...” (NIETZSCHE, 2007, p. 57). Ao tentar abstrair o tipo psicológico do redentor que, a despeito de toda corrupção, de toda tentativa de desfiguração, pôde talvez ter sobrevivido, ter se salvado sob um abrigo qualquer, ter sido conservado em algum repositório não profanado, ter sido transmitido em caracteres sutis que se viram poupados da borracha ou do borrão manuseados pela malícia da “tradição”, no interior dos próprios Evangelhos, Nietzsche utiliza intensamente os recursos filológicos, lendo o cristianismo de modo geral como “mentira santa”, “*pia fraus*”, e classificando particularmente o Novo Testamento mediante conceitos-chaves dessa disciplina, a saber, “fraude”, “falsificação”, “adulteração”, “embuste”, “palimpsesto”, etc. A denúncia filológica é acompanhada de perto pela exortação de que o espírito livre se atenha a sua integridade, honestidade, retidão, probidade intelectual; condenar o cristianismo e

sua sanção, ou seja, o Novo Testamento, como falsificação, é cuidar do asseio, da higiene, do bem-estar, da limpeza da consciência. Nietzsche garante que a incumbência dessa tarefa de trazer a público essa fraude pertence propriamente ao século XIX. Como ele defende no fragmento póstumo 11 [302] de novembro de 1887 a março de 1888:

A Igreja jamais teve a mínima boa vontade para compreender o Novo Testamento: ela quis dele se servir para se legitimar. [...] Foi necessário primeiro o século dezenove – *le siècle de l'irrespect* – para recuperar alguma das condições preliminares, a fim de ler esse livro enquanto livro (*não* enquanto verdade) de reconhecer essa história não enquanto “história santa”, mas por uma diabrura de fábulas, arranjo, falsificação, palimpsesto, confusão, enfim, enquanto *realidade...* (NIETZSCHE, 1988, vol. 13, p. 128)

A valorização da filologia como principal arma de denúncia contra a falsidade cristã, a restituição dos valores epistêmicos, o compromisso com a consciência intelectual, a importância conferida ao ceticismo como principal opositor do cristianismo, e a eleição da ciência como inimiga mortal do sacerdote que têm lugar em *O Anticristo*, traz uma grande dificuldade para o pesquisador de Nietzsche, afinal, como é possível adequar esse posicionamento com as teorias lançadas em *Gaia Ciência* e *Genealogia da Moral*, ou seja, com a noção da íntima vinculação entre a ciência e os ideais ascéticos, do compromisso dos valores epistêmicos com os valores sacerdotais, e, por fim, com a teoria de uma auto-supressão da moral mediante o desdobramento dialético do niilismo como lógica interna dos valores ocidentais elaborados pela *décadence*?

(para o tema da auto-supressão da moral, confira o clássico trabalho *Labirintos da alma*, de Oswaldo Giacóia Júnior (1997).

Em seu excelente trabalho, *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*, Rogério Lopes sugere que, na fase final de seu pensamento, Nietzsche abandonou o projeto de mostrar o desdobramento dialético do niilismo, particularmente em *O Anticristo* (posicionamento este também adotado por Yannick Souladié, 2007, pp. 24-25), e que em *Genealogia da moral*, Nietzsche teria feito uso da hipótese de um niilismo extremo como forma de conduzir o pessimismo schopenhauriano às últimas consequências, de modo semelhante a Descartes no que diz respeito ao uso da dúvida hiperbólica como caminho que leva ao verdadeiro por meio de um artifício da vontade. Essa hipótese de um niilismo extremo teria sido revista por Nietzsche em *O Anticristo*, em que o cético surge como principal aliado na luta contra o cristianismo, restituindo aos valores epistêmicos uma autonomia frente aos valores morais, e, deste modo, acabando por desvincular os primeiros da dinâmica do niilismo (confira LOPES, 2008, p. 523). Deste modo, em *O Anticristo*, Nietzsche teria revisto sua interpretação do ceticismo histórico: foi a leitura feita pelo filósofo de *Les sceptiques Grecs* de Victor Brochard e a releitura de *Geschichte des Materialismus* de Friedrich Albert Lang que, segundo Lopes, teria concorrido de modo definitivo para isso.

A hipótese proposta por Lopes possui um significativo valor para a interpretação de *O Anticristo*, e de fato apresenta uma preciosa solução para esse aparente impasse gerado pela oposição entre ciência e cristianismo presente na obra. De nossa parte, supomos que talvez *O Anticristo* não

represente necessariamente o abandono total das posições adotadas em *Gaia ciência* e em *Genealogia da moral*, já que é possível que a ciência em seu sentido mais moderno, a ciência contemporânea de Nietzsche e herdeira direta do socratismo e da Reforma, ainda continue sob a condenação de portadora, escrava e guardiã dos valores ascéticos, e que a ciência que de fato se opõe ao cristianismo seja representada eminentemente por aquela produzida pelo homem do Renascimento. Ademais, é extremamente significativo que Nietzsche nomeie particularmente a medicina e a filologia como inimigas naturais dos sacerdotes (ver NIETZSCHE, 2007, pp. 56-57). Algo que reforça a oposição entre a ciência do Renascimento e a ciência moderna é o fato de Nietzsche apresentar a probidade intelectual do cético enquanto antítese direta da falsidade cristã, ao mesmo tempo em que busca afastar essa retidão intelectual do espírito livre da chamada “liberdade evangélica” e da “responsabilidade diante da própria consciência” de Lutero (ver fragmento póstumo 10 [57] do outono de 1887, NIETZSCHE, 1988, vol. 12, p. 485). Se, em *Genealogia da moral*, a honestidade intelectual remonta a Lutero, nos últimos escritos, ao que tudo indica, Nietzsche buscará romper essa filiação. Nossa proposta, portanto, é que a oposição entre a probidade intelectual do cético e do homem do Renascimento frente à “consciência cristã” está na base das considerações a respeito do Renascimento como contraposição direta a Lutero e à Reforma Protestante presentes na seção 61 de *O Anticristo* (NIETZSCHE, 2007, pp. 77-79) e no § 2 da seção “Caso Wagner” em *Ecce Homo* (NIETZSCHE, 1995, pp. 103-105).

De acordo com Nietzsche, para um filósofo, a leitura do Novo Testamento

ofende de modo violento a consciência intelectual (ver, por exemplo, o fragmento póstumo 10 [184] do outono de 1887, NIETZSCHE, 1988, vol. 12, p. 566). O nível de corrupção, de desonestidade, de fingimento, de astúcia, de excelência artística na arte da falsificação que esse conjunto de livros exhibe não deveria ser exposto a um filólogo de dedos demasiadamente delicados e sensíveis, de estômago fraco: “*Que resulta disso? Que convém usar luvas ao ler o Novo Testamento. A proximidade de tanto desasseio quase que obriga a isso*”. (NIETZSCHE, 2007, p. 55). Segundo o filósofo, o Novo Testamento não encontra paralelo; sua ausência de limpeza, isto é, sua falta de compromisso com a retidão intelectual, sua improbidade, é alarmante: “Em vão procurei por um único traço simpático no Novo Testamento; nada há nele que seja livre, afável, franco, reto. Ainda não se acha, ali, sequer um começo de humanidade – faltam os instintos do asseio...” (*Ibidem*). A arte do fingimento encontra sua maestria, sua virtuosidade aqui: “Tudo é covardia, tudo é fechar os olhos e enganar a si” (*Ibidem*). A forma com que se ataca todo e qualquer oponente no Novo Testamento é desprovida de toda noção de honra e respeito (ver fragmento póstumo 11 [155] de novembro de 1887 a março de 1888, NIETZSCHE, 1988, vol. 13, p. 73). A maneira como o ressentimento, o instinto da vingança busca aqui se

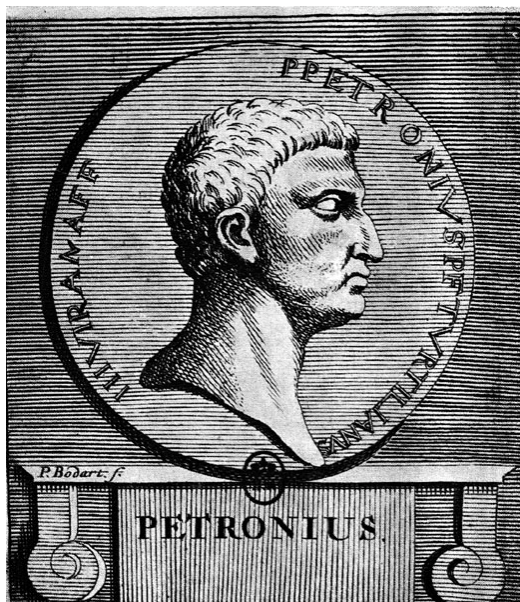
passar por virtude, bondade e “santidade”, não poderia produzir nada além de repugnância e nojo, de revolta e indignação (confira os fragmentos póstumos 10 [181] a 10 [183] do outono de 1887, NIETZSCHE, 1988, vol. 12, pp. 564-565). Como Nietzsche denuncia no fragmento póstumo 9 [88] do outono de 1887:

No Novo Testamento, e especialmente nos Evangelhos, eu não ouço nada de “divino” falar: mas sim uma *forma indireta* da raiva da calúnia e da destruição mais dissimulada – umas das formas mais desonestas do ódio; –

falta todo conhecimento das qualidades de uma natureza superior – abuso irrefletido de todo tipo de proibidade; todo tesouro dos provérbios é explorado e aplicado (NIETZSCHE, 1988, vol. 12, p. 381).

Como remédio para curar o mal-estar que, segundo Nietzsche, esse ar pestilento que emana do Novo Testamento provoca, o filósofo recomenda, no fragmento póstumo 10 [69] do outono de 1887, a

leitura de Petrónio: “Que se leia simplesmente Petrónio imediatamente após o Novo Testamento: como se respira, como se afasta para longe de si os miasmas da maldita beatice!” (NIETZSCHE, 1988, vol. 12, p. 496). O possível “*arbiter elegantiae*” da corte de Nero de que nos fala Tácito em seus *Anais* (TÁCITO, 1774, pp. 363-369), o autor do *Satiricon*, representa, para Nietzsche, toda alegria, beleza e orgulho de si da vida sadia que o



Retrato de Petrónio, por P. Bodart, 1707.

Petrônio representa, para Nietzsche, uma Antiguidade sadia, amaldiçoada por Paulo em seus escritos.

cristianismo desejou desonrar no Novo Testamento. A obra de Petrônio é a manifestação literária daquele tipo de vida mais elevada que o homem do Renascimento encarna, ou seja, assim como César Bórgia representa o tipo oposto do ideal de homem cristão, o *Satiricon* representa o antípoda literário do Novo Testamento. Como Nietzsche argumenta na seção 46 de *O Anticristo*:

Todo livro torna-se limpo, após termos lido o Novo Testamento: para dar um exemplo, li encantado logo depois de Paulo, aquele gracioso, petulante zombeteiro, que é Petrônio, de que se poderia dizer o que Domenico Boccaccio escreveu ao duque de Parma sobre César Bórgia: “*é tutto festo*” [é todo festivo] – imortalmente sadio, imortalmente alegre e bem logrado (NIETZSCHE, 2007, p. 55).

No aforismo 28 de *Além de bem e mal*, Petrônio surge como aquele que deteve no campo literário a mestria da rapidez e leveza com as palavras que equivalem na música ao andamento que recebe o nome de *presto*, chegando a alcançar até mesmo o *prestissimo*. Por isso, uma tradução em alemã de Petrônio é, para Nietzsche, impossível, pois o *tempo* de estilo de uma língua tem sua origem no caráter da raça ou “falando mais fisiologicamente, no *tempo* médio de seu ‘metabolismo’” (NIETZSCHE,



Retrato de César Bórgia, por Altobello Melone, 1500-1524.

César Bórgia, que teria servido de modelo para *O Príncipe* de Maquiável, é o grande ideal de um tipo mais elevado de homem para Nietzsche. Para o filósofo, *César Bórgia como Papa* representaria a auto-supressão do cristianismo, não fosse a Reforma perpetrada por Lutero.

2005, p. 33). O idioma alemão se mostra incapaz para o *presto*; esse *gravissimo* entre todas as línguas demonstra a inabilidade congênial dos alemães para a agilidade temerária que o pensamento livre requer:

Quem arriscaria uma tradução alemã de Petrônio, que mais que qualquer grande músico, foi o gênio do *presto*, em invenção, inspiração, palavra – que importam todos os pântanos de um mundo enfermo e ruim, mesmo do “mundo antigo”, quando se tem, como ele, os pés de vento, o sopro e o alento, o escárnio liberador de um vento que faz tudo saudável, ao fazer tudo *correr!* (*Ibidem*)

É também apostando no parentesco de Petrônio com o homem do Renascimento que Nietzsche o contrapõe ao espírito alemão que ensejou a Reforma. Petrônio seria o antepassado direto de Maquiavel e de seu “indomável *allegriissimo*” (*Ibidem*). É do ar fino e seco de Florença que o *Príncipe* nos faz respirar, com sua absoluta liberdade diante da moral, que o *Satiricon* está mais próximo, e não do ar nauseante de uma Antiguidade que se fez corromper, não pela ausência de moral, mas sim pela infiltração da moral em seu seio. Como aposta Nietzsche no fragmento póstumo 24 [1] § 7 do outubro – novembro de 1888: “Que o autor [Petrônio] seja um provençal, meu instinto mais íntimo me sussurra: é preciso ter o diabo no corpo para fazer

tais saltos” (NIETZSCHE, 1988, vol. 13, p. 624).

Petrônio, por sua vez, tem como seu antepassado direto na literatura grega, Aristófanes. Em *Além de bem e mal*, Nietzsche declara que o perdão exigido por tudo aquilo que na Grécia clama por absolvição e transfiguração, deve ser, por conta de Aristófanes, concedido. Aristófanes, assim como Petrônio, é a contraposição literária de todo tipo de Bíblia, de toda corrupção ocasionada pela infiltração da moral que já se alastrava nos subterrâneos do mundo pagão, com o egipcismo e o pitagorismo. E é justamente por conta dessa natureza autenticamente pagã de Aristófanes, que o enigma de Platão recebe um novo adendo:

Nada me fez refletir mais sobre a reserva e a natureza esfíngica de Platão do que esse *petit fait*, felizmente conservado: que sob o travesseiro de seu leito de morte não se encontrou nenhuma “Bíblia”, nada egípcio, pitagórico, platônico, – mas sim Aristófanes. Como poderia até mesmo um Platão suportar a vida – uma vida grega, à qual ele disse “não” – sem um Aristófanes? (NIETZSCHE, 2005, p. 33)

Petrônio também exerce uma importância fundamental, como grande exemplo de força e saúde do mundo antigo, para o argumento de que não foi a chamada “corrupção” do Império Romano que tornou o cristianismo possível, mas sim a moralização do homem antigo, a interpretação dos seus instintos naturais como vícios (ver o fragmento póstumo 9 [22] do outono de 1887, NIETZSCHE, 1988, vol. 12, p. 347). Na mesma época em que toda a

massa de deserdados do mundo antigo se cristianizava, o tipo nobre de homem se manifestava em sua forma mais elevada (NIETZSCHE, 2007, p. 62), prova disso, para Nietzsche, é Petrônio. O *Satiricon* e o Novo Testamento representam dois mundos opostos, duas Antiguidades antagônicas que coexistiram em um mesmo período, a da saúde e a da doença, a da vida elevada e a da vida *décadent*, da *tschandala*. Desse modo, o alvo contra o qual esses “santos anarquistas” se rebelaram foi toda aquela alegria e leveza perante o aspecto grotesco e sórdido do mundo antigo que o *Satiricon* exhibe; o cristão como caluniador, como envenenador da *vida que prospera* (NIETZSCHE, 2007, p. 73). Como esclarece Nietzsche no fragmento póstumo 9 [143] do outono de 1887:



Cena do filme *Satyricon* de Fellini, 1969.

Nietzsche contrapõe a inocência do *Satiricon* à falsidade dos Evangelhos.

Que ar mórbido e bolorado emana de toda essa excitação verbal de “salvação”, amor, “beatitude”, fé, verdade, “vida eterna”! Que se tome como antídoto um livro propriamente *pagão*, por exemplo, Petrônio, em que no fundamento nada se faz, nada se diz, nem se deseja, nem se estima, que, segundo um critério de valor beato-cristão, não seja pecado, mesmo pecado mortal. E, não obstante: que sentimento agradável de ar mais puro, da superioridade intelectual do passo acelerado, da força liberadora, superabundante, segura do porvir! Em todo o Novo Testamento não se produz uma só *bouffonnerie*: mas eis o que refuta um livro... Comparado a Petrônio, o Novo Testamento se torna sintoma da cultura decadente e da *corrupção* – e é enquanto tal que ele age, enquanto fermento da decomposição (NIETZSCHE, 1988, vol. 12, p. 416).

Toda a irreverência usada por Petrônio para narrar as desventuras e façanhas de um trio de farsantes, vagabundos, bandoleiros, amigos e amantes, é vista por Nietzsche como uma autêntica “inocência” literária frente à falsidade do Novo Testamento. O filósofo apresenta o *Satiricon*, essa novela burlesca, divertida e privada de todo preconceito moral como contraposição direta àquela confissão de “almas belas”, ao seu caráter fraudulento e nada inocente. Como diz Nietzsche no fragmento póstumo 10 [193] do outono de 1887: “‘Inocente’ é, por exemplo, Petrônio: comparado a esse feliz, um cristão perde de uma vez por todas sua inocência” (NIETZSCHE, 1988, vol. 12, p. 571).

É sobretudo nas Epístolas de Paulo que a verdadeira corrupção da Antiguidade se faz presente. Como afirma Nietzsche no fragmento póstumo 24 [1] § 7 de outubro a novembro de 1888: “Na ocasião em que tenho necessidade de me libertar de uma impressão aviltante, por exemplo, após a leitura do apóstolo Paulo, algumas páginas de Petrônio me bastam para recobrar inteiramente a saúde” (NIETZSCHE, 1988, vol. 13, p. 624). Petrônio, como possível contemporâneo de Paulo, aquele que envia o seu *Satiricon* como presente ao imperador Nero quando, cumprindo a sentença de morte a qual este o condenara, abria e fechava as veias



Retrato de Nicolau Maquiavel, por Santi di Tito, séc. XVI.

Nietzsche estabelece um paralelo entre a Antiguidade sadia (condenada por Paulo) representada pelos escritos de Petrônio e a elevação do homem do Renascimento (atacada por Lutero) representada pelos escritos de Maquiavel.

degustando calmamente seus últimos instantes (TÁCITO, 1774, p. 366), representa todo o “mundo”, a vida em seu triunfo, que Paulo condenou e caluniou com sua doutrina.

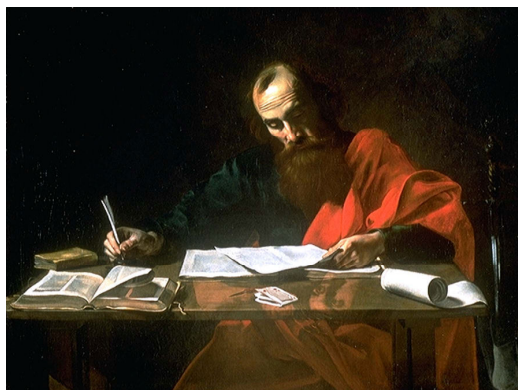
Não obstante, Nietzsche defende na seção 46 de *O Anticristo*, que a ousadia e despudor com que esses “santarrões” atacam, é de caráter tão baixo e mesquinho, privado de honra, que tudo “que é por eles atacado é, por isso mesmo, *distinguido*. Um ‘primeiro cristão’ não macula a quem

ataca... Ao contrário: é uma honra ter ‘primeiros cristãos’ contra si” (NIETZSCHE, 2007, p. 55). Tudo o que tem altura, toda a vida sadia e alegre, é por eles agredido com tal violência, que todos os seus verdadeiros opositores devem ser estimados quase que imediatamente segundo o critério mais elevado de valor: “Não se lê o Novo Testamento sem uma predileção pelo que nele é maltratado – para não falar da ‘sabedoria desse mundo’, que um insolente fanfarrão busca em vão arruinar ‘com tola prédica’...” (*Ibidem*). Mas, então, até mesmo aos escribas e fariseus deve-se reservar um lugar de honra na história, afinal, “eles devem ter valido algo, para serem odiados de forma tão indecente” (*Ibidem*). Como acusa Nietzsche no fragmento póstumo 9 [88] do outono de 1887:

Nada é mais vulgar que esse combate contra os fariseus a favor de uma absurda e impraticável

aparência de
moral –
semelhante *tour*
de force sempre
divertiu o povo.
A acusação de
“hipocrisia”!
por essa boca!
Nada é mais
vulgar do que a
maneira de

tratar o
adversário. –
Um índice do
gênero mais
capcioso para
discernir da
nobreza ou
não... Se qualquer um tivesse
somente dito o centésimo ele
mereceria a sua ruína, como
anarquista (NIETZSCHE, 1988,
vol. 12, p. 381).



Paulo escrevendo suas Epístolas, por Valentin de Boulogne ou Nicolas Tournier, século XVI.

Para Nietzsche, o “apóstolo” Paulo foi o grande inventor do cristianismo e o principal responsável pela corrupção do tipo de Jesus nos Evangelhos. Suas Epístolas representam a verdadeira *décadence* do Mundo Antigo.

cristão’ *que eu talvez ainda venha a conhecer* – é um rebelde contra tudo privilegiado, a partir de seu mais básico instinto – ele vive, combate sempre por ‘direitos *iguais*’...” (NIETZSCHE, 2007, p. 56).

Referências

- BROCHARD, Victor. *Les sceptiques Grecs*. Paris: Imprimerie Nationale, 1886.
- GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- LANGE, Friedrich Albert. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*. Iserlohn: J. Baedeker, 1877.
- LOPES, Rogério Antônio. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazino Montinari. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter/DTV, 1988.
- _____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio Paulo César

Para Nietzsche, todo esse ataque impudente aos fariseus não provém de Jesus, pois essa atitude é incongruente com o seu tipo psicológico, é marcadamente com os apóstolos que se começa a fabular a respeito de uma revolta de Jesus contra a ordem sacerdotal, contra a hipocrisia dos fariseus: “Hipocrisia – eis uma censura que os ‘primeiros cristãos’ *poderiam* fazer. – Afinal foram os *privilegiados*: isso basta, o ódio tschandala não precisa de mais razões.” (NIETZSCHE, 2007, p. 56). Ora, o que de fato se combatia aqui era o privilégio, a casta, o poder, exatamente o que o código sacerdotal havia ensinado a odiar. Nietzsche declara que o “primeiro cristão”, ou seja, Paulo (confira *Aurora* § 28, NIETZSCHE, 2004, pp. 52-55), é um verdadeiro insurgente contra todo privilégio de casta, daí sua necessidade da fé em uma sobrevida pessoal, da imortalidade da alma, da “igualdade de todos perante Deus”: “O ‘primeiro cristão’ – receio que também o ‘último

de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O Anticristo: maldição ao cristianismo / Ditirambos de Dionísio*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PETRÔNIO. *Satiricon*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

RENAN, Ernest. *Histoire des origines du christianisme*. Paris: Robert Laffont, 2 Vol., 1995.

SOULADIÉ, Yannick. “Présentation : L’Inversion contra la *Volonté de puissance*”. In:

_____. (Ed.) *Nietzsche – L’Inversion des valeurs*. Hildesheim/Zürich/New York : Georg Olmes Verlag, 2007, pp. 03-25.

STRAUSS, David Friedrich. *Das Leben Jesu: kritisch bearbeitet*. Tübingen: C. F. Osiander, 1837.

TACITE. *Annales*. En latin et en français. Par J. H. Dotteville. Tome second. Paris: Dauphine, 1774.

WELLHAUSSEN, Julius. *Prolegomena zur Geschichte Israels*. Berlin: G. Reimer, 1883.